

“CONTO DE ESCOLA”, DE MACHADO DE ASSIS: UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL

KATIA MELCHIADES*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 4 maio 2024. Aprovado em: 8 maio 2024.

Como citar este artigo: MELCHIADES, K. “Conto de escola”, de Machado de Assis: uma perspectiva sobre a educação no Brasil. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 259-271, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p259-271

Resumo

A obra literária é um recurso que reflete e traz críticas a costumes da sociedade, evidenciando corrupções e marginalização social. Este estudo tem por objetivo analisar a obra “Conto de escola”, de Machado de Assis, à luz da estética da recepção, que apresenta uma crítica em relação à marginalização no sistema educacional brasileiro no fim do século XIX, período em que uma minoria de crianças desfrutava o privilégio de frequentar a escola, enquanto as demais eram deixadas às margens da educação. Contudo, a escola não se configurava como um ambiente acolhedor, sendo comuns os insultos e os castigos físicos.

* E-mail: katia.vulpes@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0009-0463-4151>

Possivelmente valendo-se de suas próprias vivências, o autor utiliza sua obra como meio de expor uma crítica à agressão, à opressão e à corrupção, demonstradas pelos atos das próprias personagens infantis. Dessa forma, torna-se claro como a obra literária autentica o conceito de que ela é o reflexo da própria sociedade, ampliando a compreensão do contexto sociocultural em que está inserida.

Palavras-chave

Literatura. Sociedade. Educação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É inevitável não nos virem à mente novas considerações de cunho social todas as vezes que lemos e releemos as obras de Machado de Assis. Por mais que isso seja um fato imanente à leitura, torna-se uma experiência bem mais pragmática e expressiva quando se trata de suas obras, que apresentam críticas sociais bastante incisivas, espelhando muito da sua própria vivência.

Suas personagens em “Conto de escola” redirecionam, de modo mais reflexivo e profundo, o olhar do leitor para as injustiças no âmbito da educação que cotidianamente a sociedade vivencia, mas já passou a assimilá-las de modo cômodo e até mesmo natural, sobretudo quando se trata dos entraves de acesso à instrução formal, ficando patente a diferenciação no tratamento educacional proporcionado a diferentes classes sociais no Brasil.

Nessa conjuntura, o leitor é levado a refletir a respeito do que impulsionava Joaquim Maria Machado de Assis a denunciar incessantemente aquilo que há muito vem corrompendo os valores da nossa sociedade. Embora enfoque uma multiplicidade temática em suas obras, o escritor via a necessidade de “bater na mesma tecla”, vezes após vezes, contra a decadência moral. Ademais, por serem críticas bastante autênticas, suas obras consolidam-se constantemente, transcendem épocas e corroboram seus apontamentos mesmo diante das vicissitudes dos dias atuais.

Destacamos, portanto, que a intenção deste estudo é expandir a visão do leitor, sob a ótica machadiana, para a perspectiva da corrupção e da exclusão social no Brasil, no contexto da educação no período da Primeira República.

E também promover uma análise a respeito de a sociedade atual persistir em trilhar o mesmo caminho que restringe a educação de qualidade a poucos privilegiados, inibindo, assim, o desenvolvimento do país.

OS PRIMEIROS ANOS DE JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS E A OBRA “CONTO DE ESCOLA”

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, filho de mãe portuguesa casada com um brasileiro, mulato alforriado, Machado de Assis era afilhado querido de uma viúva endinheirada. Cresceu na simplicidade da casa dos pais, ao mesmo tempo que frequentava a casa abastada de sua madrinha, que foi uma pessoa que nutria muita consideração e amor pelo menino, provavelmente também pelo fato de não ter tido filhos.

Menino livre, cresceu pelas ruas do Rio de Janeiro contemplando a alta sociedade que frequentava a casa de sua madrinha e experienciando momentos de escassez em seu lar. Desde bem moço aprendeu a distinguir os contrastes sociais, percebendo-os como injustos e incompreensíveis. Provavelmente isso diz muito a respeito de seus valores morais (Pereira, 1988).

Inicialmente, foi instruído na leitura e nos cálculos por sua madrasta, em seguida pôde frequentar uma escola pública, ainda que por pouco tempo, pois precisou abandoná-la devido à morte de seu pai. Mergulhou nos estudos, buscava laços de amizade com pessoas que pudessem ajudá-lo a ampliar os horizontes e a crescer socialmente, frequentava bibliotecas de modo assíduo, pôs-se, desde bem moço, a estudar diariamente francês e a ler livros sempre que o tempo lhe permitisse: “Que importavam a pobreza, a cor, a humildade da origem? Haveria de vencer todos os obstáculos de ser alguém” (Pereira, 1988, p. 51).

“CONTO DE ESCOLA”

“Conto de escola”, de Machado de Assis, possivelmente retrata uma das fases mais sombrias do cenário da educação no Brasil, quando a sociedade era ainda fortemente marcada pelo patriarcalismo geralmente opressor, tanto nos âmbitos da família e do trabalho quanto no da convivência escolar (Freyre,

2008). A figura do professor era tida pela sociedade como a figura de um pai, ainda que carregasse em si traços de opressão.

A obra “Conto de escola”, a ser analisada no presente artigo, foi escrita em 1884 e publicada em 1896, período em que a sociedade brasileira se encontrava diante do grande desafio de reconstruir-se eticamente e estabelecer-se como sociedade justa no contexto de República. No entanto, o Brasil já se via profundamente arraigado e consumido por corrupções e desmandos de poderosos em quase todos os setores da sociedade. Por conseguinte, o combate à corrupção é uma das denúncias que Machado de Assis mais uma vez traz à tona em “Conto de escola”.

A narrativa passa-se predominantemente em primeira pessoa. O narrador é, portanto, personagem e protagonista que, em sua vida adulta, narra um pouco de sua infância na época de escola, em 1840, período regencial do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.

O protagonista Pilar é um menino com pouco menos de 11 anos, muito inteligente, contudo, nada inclinado aos estudos formais, provavelmente pelo fato de se sentir pressionado a seguir uma carreira que o pai lhe impusera em meio a uma educação de extrema severidade e violência, pois, como o texto nos mostra, as surras que Pilar recebia do pai “doíam por muito tempo. Era um velho empregado [...] ríspido e intolerante” (Chiara *et al.*, 2008, p. 37). Como veremos adiante, esse não era o único motivo que causava no garoto um ardente desejo por liberdade pelas ruas da cidade nos momentos da escola.

Em uma segunda-feira do ano de 1840, Pilar hesitava entre ir brincar no morro ou no campo. Contudo, lembrou-se da surra que havia levado de seu pai por ter faltado dois dias às aulas. Assim, decidiu, a contragosto, ir à escola. Lá chegando, deparou-se com o rotineiro autoritarismo de Policarpo, professor que incutia medo nos pequenos estudantes. Quando em dúvida sobre a resolução das atividades, eles sentiam-se temerosos em pedir ajuda ao professor que, por sua vez, não se preocupava em ampliar os horizontes de criatividade dos alunos. Ao contrário, causava-lhes repulsa, sendo implacável principalmente com o aluno Raimundo, seu filho e colega de Pilar.

Em um determinado momento da aula, Raimundo fez uma proposta a Pilar para que este lhe ensinasse o conteúdo estudado a fim de que não apanhasse do pai. Inicialmente relutante, Pilar aceitou a oferta: uma moeda de prata. Porém, ambos estavam sendo observados por Curvelo, um menino invejoso que, pelo que parece, não se importava em ver o mal de seus colegas.

Sendo delatados ao professor por Curvelo, Raimundo e Pilar foram severamente castigados e humilhados, física e emocionalmente, pelo professor que, enfurecido, lançou a moeda de prata pela janela. Curvelo, que antes da denúncia encarava os meninos com olhar penetrante e ameaçador, agora, receoso de enfrentar as consequências de suas ações, virava o rosto sempre que confrontado pelo olhar de Pilar, que lhe jurara vingança.

No dia seguinte, depois de sonhar que encontrara a moeda de prata na rua, Pilar saiu mais cedo em busca desse seu tesouro, porém não chegou a encontrá-lo. Já aborrecido, decidiu não ir à escola. Em vez disso, brincou de ser soldado, seguindo na rua um batalhão que marchava ao ritmo do tambor. Nesse dia, Pilar não teve ressentimento em faltar à aula. Duas coisas havia aprendido, no dia anterior, na escola com Raimundo e Curvelo: a noção do que é a corrupção e a delação.

ANÁLISE DE “CONTO DE ESCOLA”: UMA POSSÍVEL LEITURA SOB A PERSPECTIVA DA VIDA SOCIAL À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Faz-se necessário considerar inicialmente que, segundo Antonio Candido (2000, p. 18), um dos pontos mais importantes desse tipo de análise é o de compreendermos que “a sociologia não passa, nesse caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns de seus aspectos”.

Embora Machado de Assis tenha crescido rodeado de cuidados e bondade por parte de seus pais, de sua madrinha e mais tarde de sua madrasta, não foi poupado ainda cedo de experiências dolorosas nem de humilhações sofridas por parte dos colegas que escarneciam de sua gagueira quando nervoso. Provavelmente essas últimas experiências por um tempo o tornaram um tanto isolado e pouco comunicativo quando criança. Ademais, logo após a morte do pai, passou a conhecer o outro lado da riqueza, agora não mais aquela sob a proteção e o carinho de sua madrinha, mas trabalhando com sua madrasta em um colégio onde o convívio com crianças ricas despertava-lhe a consciência acerca de uma desumana hierarquia social (Pereira, 1988).

Notamos claramente que o autor traz essas denúncias à tona ao vermos no conto uma sociedade seriamente estratificada, em que meninos excluídos

da educação formal e do aprendizado informal perambulam pelos morros e campos da cidade sem perspectiva, sem nenhum olhar da sociedade em relação ao seu futuro. Em contraste, deparamo-nos na obra com uns poucos garotos que têm o privilégio de estudar e de traçar um caminho que suas famílias lhes buscam garantir. Essa abordagem vai se tornando ainda mais obscura à medida que vemos as relações hierárquicas conflituosas, mesquinhas e manipuladoras entre os próprios estudantes, e as relações ultrajantes e opressoras entre eles e o seu mestre.

É de suma importância salientar que o contexto de um ensino nada democrático no Brasil encontra-se bastante retratado na narrativa de 1840, quando, em meio a turbulências, o país passava pelo fim da Primeira Regência. Segundo estudos de Josimeire Medeiros Silveira de Melo (2012, p. 34), em *História da educação no Brasil*, ainda que (no papel) a Constituição em meados dos anos 1850 defendesse o lema da educação para todos,

[...] o ensino destinava-se, na realidade, aos privilegiados da sociedade, filhos da aristocracia rural. Para comprovar esta afirmação, basta relatar que o Brasil tinha nesta época uma população de 10 milhões de habitantes e apenas 150.000 alunos matriculados em escolas primárias.

Posteriormente, no período republicano, momento da publicação da obra, o país sequer havia avançado nas questões educacionais. Além disso, a cega preocupação em imitar em nossa educação modelos europeus, descontextualizados, desvinculados de nossa realidade, sem se preocupar com a inserção nas escolas de boa parte da população jovem, acarretou, no início dos anos 1920, o analfabetismo de 75% da população brasileira (Melo, 2012).

Diante do exposto, torna-se evidente o porquê de a narrativa falar em “meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas” (Chiara *et al.*, 2008, p. 37). Aqui verificamos claramente as denúncias sociais expostas por Machado de Assis. Estariam as alcunhas dessas personagens estreitamente ligadas às suas perambulações pelas ruas do Rio de Janeiro? Chico Telha rodeava a cidade por cima das casas, caminhando sobre suas telhas em busca de papagaios? Carlos das Escadinhas rondava determinada escada de cima a baixo, buscando o que comer e o que ganhar? Qualquer que seja a resposta a essas questões, mais uma vez vemos se concretizar o fato de que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (Candido, 2000, p. 19).

Como já exposto, as relações de domínio opressor dos letrados sobre os não letrados, dos ricos sobre os pobres na sociedade brasileira são espelhadas tanto na figura do professor quanto nas figuras do pai de Raimundo e do pai de Pilar. Observamos no enredo uma metáfora de um regime soberbo e autoritário, de mandos e desmandos sufocantes, desvinculados do bem-estar geral da nação. Um exemplo disso é o fato de, no período da Primeira República, nos estados mais pobres do Brasil ter sido comum ocorrer o voto do cabresto, além do impedimento ao voto a todos os brasileiros que não fossem alfabetizados, ou seja, negros, mulatos e indígenas, o que englobava quase toda a população do país.

Nessa linha de raciocínio, analisemos uma analogia que põe em paralelo alguns elementos do enredo com o contexto histórico-social de sua produção: a prata em troca do favor *versus* a compra de votos; meninos vadios marginalizados *versus* as populações negras, quilombolas e indígenas, às margens das práticas de alfabetização; o pai intolerante de Pilar impondo-lhe a carreira a seguir *versus* a classe dominante que envia seus filhos para seguir seus estudos à Europa; o menino Raimundo, pálido e doente *versus* Joaquim Maria Machado de Assis, em sua infância, afligido por toda a sua vida pela epilepsia, que chamava de “coisas esquisitas” (Pereira, 1988); o uso da palmatória na escola de Pilar *versus* o uso da palmatória contra negros, indígenas e crianças com dificuldade de aprender nas escolas. Essas analogias confirmam como “a arte é expressão da sociedade” e está bastante “interessada nos problemas sociais” (Candido, 2000, p. 18).

Pilar era um garoto inteligente, com facilidade de aprendizagem, mas não muito voltado aos estudos formais, provavelmente por motivos já discutidos anteriormente. No entanto, ao se deparar com a inusitada proposta de receber uma moeda de prata em troca de ajudar um amigo em apuros, é confrontado pela própria consciência de que poderia auxiliar Raimundo sem a necessidade de tirar-lhe o dinheiro. Hesita, busca calar a consciência, pois não deseja pegar o dinheiro. Por um momento se solidariza: “– Mas então você fica sem ela?”, “Não queria recebê-la [...]” (Chiara *et al.*, 2008, p. 39).

O que Machado vem denunciar aqui é a cobiça, ainda que entre garotos. Pilar tinha esperteza e inteligência, mas não dava primazia a isso. Arrazoou consigo que a única coisa que tinha era uma moeda feia de cobre. Mas o outro, o seu colega, o que sabia menos do que ele, possuía a prata que Pilar valorava como se fora um diamante. Sim, por estar na mão do outro valia mais; aquilo

que cobiçava não brilhava como uma mera prata, mas como um diamante. A riqueza dessa passagem ganha destaque com o recurso estilístico da gradação realçando a ganância crescente e desordenada de Pilar: do “cobre feio” passa-se à “pratinha”, que por fim passa a ser cobiçada como um “diamante”.

Para além das críticas sociais, Machado de Assis mescla em sua narrativa personalidades corruptas de seus dias com o objetivo de relacionar-se com o público, de interagir com ele a respeito de costumes cotidianos, de dirigir-se a ele e de denunciar a falta da ética na sociedade. Eis aí onde a *estética da recepção* ganha vida, pois seu público leitor coopera com a construção do enredo, atribuindo-lhe novos sentidos advindos de suas vivências do dia a dia (Eagleton, 2006).

Segundo Bakhtin (2006), um determinado instrumento passa a representar um signo ideológico quando retrata uma realidade que lhe é exterior, direcionando nossa visão a algo fora de si mesmo. Sob esse prisma, atentemos para a reflexão de que a moeda de prata poderia ser, na narrativa do conto, tão somente mais um elemento neutro, sem revestimento ideológico. Contudo, ao ser contextualizada no domínio da corrupção, na compra de um favor impulsionado pela ganância em detrimento de valores morais, ela passa, então, a ser revestida de um valor ideológico. Ainda segundo Bakhtin (2006, p. 32), “qualquer produto de consumo pode, da mesma forma, ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão”.

O elemento da moeda de prata vem reforçar a denúncia contra a cobiça humana. O conto demonstra a voz da consciência de Pilar: “Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo” (Chiara *et al.*, 2008, p. 39). Seria esse pensamento de Pilar uma possível analogia à voz divina? Voz essa que viria a ser traída e sufocada ao se cobiçar a prata? Encontramos correspondência a essa passagem em Mateus 26:15, quando Cristo foi traído pelo ganancioso Judas Iscariotes em troca de moedas de prata. Pilar pensava consigo: “Custava-me recusá-la. [...] Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia?” (Chiara *et al.*, 2008, p. 39). Machado deixa claro em sua obra que o ser humano é capaz de corromper-se por moedas de prata ainda que em tenra idade.

Levemos em consideração que o texto não menciona somente uma moeda, mas muitas moedas de prata: “– Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovó lhe deixou, numa caixinha [...] você quer esta?” (Chiara *et al.*,

2008, p. 39). Machado intervém socialmente fazendo uso de um símbolo que demonstra marcadamente os valores e ideologias da sociedade em que viveu. Em consonância com essa questão, Antonio Candido (2000) afirma que a experiência cotidiana pode ser para o artista uma fonte de inspiração, principalmente quando faz referência a costumes e a objetos fortemente carregados de valor pela sociedade.

Tendo em mira o valor social de “Conto de escola”, em se tratando do apreço do leitor por essa obra nos dias atuais, é muito provável que as questões contemporâneas problematizadas no conto tenham sido em algum momento vivenciadas por uma parcela significativa dos leitores brasileiros, visto que o Brasil ainda não logrou solucionar o embaraço da exclusão social, da alta evasão escolar nem da corrupção, como lemos no trecho do conto que afirma que, enquanto Pilar tinha o privilégio de estar na escola, na rua estavam excluídos os “outros meninos vadios [...]” (Chiara *et al.*, 2008, p. 37). Essas são temáticas que repercutem intensamente no cotidiano nacional nos dias atuais.

Considerados esses aspectos, trata-se de uma obra com a qual o leitor trabalha em plena cooperação, ao contextualizar a narrativa com a realidade por ele vivida, construindo-lhe novos sentidos, reescrevendo-a, mantendo-a viva e fazendo projeções para as questões sociais futuras. Segundo Jauss (1994, p. 23), “tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor”.

Tomemos como exemplo o juízo que o leitor de hoje pode ter em relação à obra. Com temas bastante atuais no que tangencia o conflito entre o dever e o lazer, como no excerto: “Hesitava entre o morro de S. Diogo e o campo de Sant’Ana [...]. Morro ou campo? De repente disse comigo que o melhor era a escola” (Chiara *et al.*, 2008, p. 36).

Desperta-nos a atenção o ambiente escolar, nada propício à aprendizagem, que se apresenta ainda hoje, na maioria das vezes, com carteiras enfileiradas, no estilo do Brasil Império. Esse contexto é agravado por uma opressão autoritária em que, se o estudante mostrar que desconhece a resolução de um determinado problema, corre o risco de ser punido. É o que podemos constatar nos trechos “Não conseguia reter nada do livro, e estava com medo [...] recorreu a um meio que lhe pareceu útil para escapar do castigo ao pai” (Chiara *et al.*, 2008, p. 39). Essas lembranças ativadas pela experiência de vida de muitos

leitores é o que mantém a obra viva no contexto atual. E, ainda, como afirma Antonio Candido (2000, p. 32), “mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio”.

Segundo Jauss (1994, p. 33), há obras que, no momento de sua publicação, “não podem ser relacionadas a nenhum público específico, mas rompem tão completamente o horizonte conhecido de expectativas literárias que seu público somente começa a formar-se aos poucos”. Ademais, a compreensão de uma obra de arte é moldada pelo horizonte de expectativas do leitor em consonância com as experiências e os conhecimentos que os leitores têm e que é evocado por uma determinada obra. Assim, nos últimos anos, a obra “Conto de escola” vem adquirindo uma crescente recepção entre crianças e adolescentes, provavelmente pelo fato de se tratar de um ambiente escolar com o qual a maioria está familiarizada, ao contrário do que ocorria no final do século XIX.

Nelson Cruz (2021), ilustrador de “Conto de escola” pela editora Ciranda Cultural, vencedor dos prêmios Jabuti e Monteiro Lobato por suas ilustrações em livros infantis, nasceu em 1957 e durante a infância testemunhou em sua escola a opressão dos militares em relação aos demais estudantes, chegando a saber de crianças que nos anos 1960 sofriam punições físicas dos militares em um dos ambientes da sua escola. Em suas ilustrações da obra, o artista externa claramente como foi sua experiência no mundo estudantil.

Tendo abandonado a escola entre os 12 e 13 anos e não tendo mais o desejo de estudar, Nelson Cruz encontrou seu talento, sua realização profissional e sua carreira fora da escola. No livro faz uso de cores fortes e escuras, basicamente em tons de terra, quase sem vida, sendo pouco utilizadas cores vivas. Numa das imagens, vemos uma criança com o rosto bastante aterrorizado, há um jogo de forte contraste entre luz e sombra, conhecido como *chiaroscuro*, uma estratégia que aumenta a dramaticidade de uma atmosfera assustadora, exatamente como o ilustrador e as personagens vivenciaram.

Na contracapa do livro *Conto de escola*, publicado pela Editora Cosac-Naify em 2002, que já havia feito uso das ilustrações de Nelson Cruz, a editora menciona o sucesso de receptividade do público infantojuvenil em relação à obra, ao afirmar que o conto foi na época um dos livros mais adquiridos de seu catálogo, com mais de 34 mil exemplares vendidos e que, possivelmente, se trata de uma autobiografia da infância de Machado de Assis, segundo a biógrafa Lúcia Miguel Pereira.

Nesse mesmo caminho de realização, é oportuno mencionar Laerte Silvino, vencedor do Prêmio Iberoamérica Ilustra. Nascido em Recife em 1978, identifica-se muito com a personagem Pilar por também ser filho de militar, por ter caricaturado muitos professores, cabulado aulas, estudado em um sobrado e passado muitas respostas às escondidas a seus colegas (Assis, 2015, p. 49). No entanto, teve uma vida escolar feliz, dando prosseguimento a seus estudos até a universidade, o que o ilustrador deixa transparecer claramente em *Conto de escola em quadrinho*, obra com o texto integral pela Editora Peirópolis.¹

Silvino utiliza expressivamente cores fortes e vibrantes, realçando habilmente os elementos visuais e conferindo vitalidade a toda a narrativa, até mesmo nos momentos de maior tensão das personagens, provavelmente para demonstrar que Pilar, apesar de não se encaixar no padrão da escola, mantinha vivos os seus sonhos, o que está evidenciado quando o conto apresenta o desfecho: Pilar buscando a sua liberdade, faltando às aulas, perambulando em meio aos bairros do Rio de Janeiro e voltando para casa com a sonoridade do tambor em mente e sem ressentimentos.

Uma observação que merece destaque é o contraste na capa e na contracapa elaboradas por Silvino. Percebemos uma progressão em ambas: na capa, como se Pilar estivesse correndo para a escola; o título da obra em um tom vermelho vibrante tipografia jovial e centralizada. Uma faixa destaca que a obra é narrada em quadrinhos. Os casebres variadamente coloridos são de estilo colonial, o céu amarelecido sem o sol e uma moeda de prata reluzente no chão. Na contracapa, é como se Pilar estivesse fugindo da escola, o sol presente próximo ao horizonte e, no canto inferior esquerdo, há uma sinopse que busca cativar o leitor despertando-lhe a curiosidade pela história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e em conclusão, podemos afirmar que “Conto de escola” cumpre satisfatoriamente seu papel, a partir do momento em que leva o leitor a refletir a respeito da problemática social nele exposta e a trabalhar

¹ A Editora Peirópolis disponibiliza a educadores o livre acesso à obra *Conto de escola em quadrinhos* (ilustrada por Laerte Silvino), assim como a outras obras, no formato digital, no site: <https://www.editorapeiropolis.com.br>.

em plena cooperação com o escritor, reforçando o sentido da obra. Como afirma Antonio Candido (2000, p. 33), “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”. Com olhar semelhante, Terry Eagleton (2006, p. 19) afirma que “as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem”.

Por meio de obras de temáticas semelhantes a “Conto de escola”, podemos ampliar nossa percepção crítica em relação ao desenvolvimento do país ao longo dos últimos anos, pois vemos melhor a trajetória da sociedade desde a constituição da República. Podemos hoje antever e planejar o futuro, observando, também na literatura, as questões persistentes de corrupção, ganância e negligência em relação à inclusão social, especialmente no âmbito educacional. Portanto, esse conto de Machado de Assis nos proporciona a visão crítica da nossa caminhada, ao revelar uma perspectiva que não havia durante os estágios iniciais do desenvolvimento da educação formal no Brasil.

Tais problemáticas sociais, como exclusão, corrupção e ganância, que permeiam a sociedade levam as gerações atuais a revisitar obras de críticas sociais no passado, transformando essa leitura em uma proposta atualizada, digna de ser expandida ao público infantojuvenil, como ocorre em “Conto de escola”.

“Conto da escola”, by Machado de Assis: a perspective on education in Brazil

Abstract

Literary works serve as a reflection and critique of societal customs, highlighting corruption and social marginalization. This study aims to analyze the work “Conto de escola” by Machado de Assis, which criticizes the marginalization within the Brazilian educational system in the late 19th century, a period where only a minority of children had the privilege of attending school, while others were left on the fringes of education. However, schools were not welcoming environments, for insults and physical punishments were common. Probably based on his own experiences, the author utilizes his work as a means to expose criticism of aggression, oppression, and corruption, as demonstrated by the actions of the child characters. Thus, it becomes evident how literary works authenticate the concept that they are a reflection of society itself, enhancing understanding of the socio-cultural context in which they are embedded.

Keywords

Literature. Society. Education.

REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. M. de. *Conto de escola em quadrinhos*. Ilustrações: Laerte Silvino. São Paulo: Peirópolis, 2015.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHIARA, A. C. *et al.* (org.). *Machado para jovens leitores*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

CRUZ, N. *Lançamento do livro “Conto de escola” com o ilustrador Nelson Cruz*. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Iqdl2CT3UU8?si=vlwr0w-lkhhJZFZs>. Acesso em: 20 nov. 2023.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREYRE, G. *Vida social no Brasil: nos meados do século XIX*. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MELLO, J. M. de. *A história da educação no Brasil*. 2. ed. Fortaleza: UAB, Ifce, 2012.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis*. São Paulo: Itatiaia, 1988.